

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RAIANNE OLIVEIRA DE SOUZA

**ESPAÇOS DE TENSÃO: ENTRE O ETNOCENTRISMO E OS LAMPEJOS DE
ALTERIDADE NAS NARRATIVAS DE CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE
NA OBRA VIAGEM NA AMÉRICA MERIDIONAL DESCENDO O RIO DAS
AMAZONAS (1743-1744)**

TEFÉ-AM

2019

RAIANNE OLIVEIRA DE SOUZA

ESPAÇOS DE TENSÃO: ENTRE O ETNOCENTRISMO E OS LAMPEJOS DE ALTERIDADE NAS NARRATIVAS DE CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE NA OBRA VIAGEM NA AMÉRICA MERIDIONAL DESCENDO O RIO DAS AMAZONAS (1743-1744)

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé, UEA.

Orientador (a): Cristiane da Silveira

TEFÉ
DEZEMBRO-2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Raianne Oliveira de.

ESPAÇOS DE TENSÃO: ENTRE O ETNOCENTRISMO E OS LAMPEJOS DE ALTERIDADE NAS NARRATIVAS DE CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE NA OBRA VIAGEM NA AMÉRICA MERIDIONAL DESCENDO O RIO DAS AMAZONAS (1743-1744)./ Raianne Oliveira de Souza. Tefé-AM, 2019.

Orientador (a): Cristiane da Silveira

Monografia apresentada como conclusão de curso da Universidade do Estado do Amazonas, do Centro de Estudos Superiores de Tefé- CEST.

Licenciatura plena em História.

TERMO DE APROVAÇÃO

RAIANNE OLIVEIRA DE SOUZA

ESPAÇOS DE TENSÃO: ENTRE O ETNOCENTRISMO E OS LAMPEJOS DE ALTERIDADE NAS NARRATIVAS DE CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE NA OBRA VIAGEM NA AMÉRICA MERIDIONAL DESCENDO O RIO DAS AMAZONAS (1743-1744)

Monografia apresentada para a Comissão Julgadora da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST- UEA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Defesa em: _____/_____/_____ Conceito Obtido: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Profa. Dra. Cristiane da Silveira
Universidade do Estado do Amazonas

Membro da banca: Prof. Msc. Tiago Fonseca dos Santos
Universidade do Estado do Amazonas

Membro da banca: Profa. Dra. Núbia Litaiff Moriz Schwamborn
Universidade do Estado do Amazonas

Tefé, 10 de Dezembro de 2019

DEDICATÓRIA

Dedico esse momento de conquista aquelas pessoas queridas que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida. Aos meus amados pais Lecita e Manoel Ares, à minha filha, Allana, e ao meu companheiro Israel. Aos meus irmãos e irmãs.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente por me permitir chegar até este momento.

À Instituição Universidade do Estado do Amazonas, na unidade Centro de Estudos Superiores de Tefé, pela oportunidade de graduar na área de História.

À minha família, principalmente, aos meus pais Lecita Tinoco e Manoel Ares de Souza pelo apoio constante em momentos difíceis dos quais me fizeram desanimar.

À minha professora e orientadora Cristiane da Silveira pela atenção e paciência durante o início e conclusão deste trabalho.

À minhas amigas de graduação, principalmente, Mirela Alencar, Ana Paula Martins, Sidna Geane, Erika Mayandra e Erivaldo pela amizade, força, conselhos e incentivo.

A todos vocês, meu muito obrigada.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo conhecer como foram difundidas as imagens acerca da população e da natureza na construção do pensamento social sobre a Amazônia nas narrativas de Charles Marie de La Condamine durante sua viagem à região, no século XVIII. Por muito tempo os relatos de viajantes foram vistos como uma experiência real e por esse motivo influenciaram a construção de representações sobre os aspectos social, prática cultural e até mesmo das populações dos lugares pelo quais passavam. Estudiosos como La Condamine, observaram, coletaram, classificaram e ordenaram o espaço geográfico da Amazônia a partir de uma visão reducionistas. Em seus registros as representações acerca da natureza e da população produziram imagens negativas e, por vezes, pitorescas. Mais do que aprender como as imagens foram sendo construídas este trabalho tem como pano de fundo refletir sobre os espaços de tensão, silenciamento e reconhecimento de uma cultura indígena pulsante nos escritos de La Condamine. Tomamos como base metodológica a análise do discurso, de Eni Orland (2009), refletindo sobre os modos e das dinâmicas do texto, nesse caso das narrativas de La Condamine, e do discurso por ocasião da produção de sentidos ao longo do fio da história, isto é, os sentidos que possuem ao serem produzidos, principalmente, no contexto do autor em estudo.

Palavras-Chaves: Narrativas de viagens, pensamento social da Amazônia, indígenas, La Condamine.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo conocer las imágenes construidas sobre la población y la naturaleza y cómo se difundieron para la construcción del pensamiento social del Amazonas a partir de las narrativas de viajes francesas de Charles Marie de La Condamine durante su viaje a la región, en el Siglo XVIII. Durante mucho tiempo, los relatos de los viajeros fueron vistos como una experiencia real y, por esta razón, influyeron en la construcción de representaciones sobre los aspectos sociales, la práctica cultural e incluso las poblaciones de los lugares por los que pasaron. Los estudiosos como La Condamine han observado, recopilado, clasificado y ordenado el espacio geográfico del Amazonas desde una perspectiva reduccionista. En sus registros, las representaciones de la naturaleza y la población produjeron imágenes negativas ya veces pintorescas. En lugar de aprender y aprender cómo se construyeron las imágenes, este trabajo tiene como telón de fondo para reflexionar sobre los espacios de tensión, silencio y reconocimiento de una cultura indígena palpante en los escritos de La Condamine. Tomamos como base metodológica el análisis del discurso, por Eni Orlandi (2009), reflexionando sobre los modos y dinámicas del texto, en este caso las narrativas y La Condamine, y el discurso con motivo de la producción de significados a lo largo de la historia, es decir, los significados que poseen cuando se producen, principalmente, en el contexto del autor en estudio.

Palabras clave: narrativas de viaje, pensamiento social amazónico, indígena, La Condamine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	16
O OLHAR DE LA CONDAMINE E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A AMAZÔNIA	16
1.1 O EXPLORADOR E NATURALISTA.....	16
1.2 A CIÊNCIA NO CONTEXTO DE LA CONDAMINE.....	18
1.3. UM OLHAR ETNOCÊNTRICO NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A AMAZÔNIA	22
CAPÍTULO II	28
ESPAÇOS DE TENSÃO: ETNOCENTRISMO VERSOS LAMPEJOS DE ALTERIDADE	28
2.1 A “NATUREZA” E O “HOMEM” NAS NARRATIVAS DE LA CONDAMINE	28
2.2 A NATUREZA	30
2.3 O HOMEM.....	35
2.4 LAMPEJOS DE ALTERIDADE: OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA EXPEDIÇÃO DE LA CONDAMINE.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

As narrativas dos viajantes estrangeiros que passaram pela Amazônia ajudaram a produzir “verdades” para a formação do pensamento social da região. E dentro desses discursos foram difundidas imagens acerca da população tidos como índios, homens “sem cultura”, “selvagens”, “primitivos”, entre outros. Sendo assim, estas imagens construídas sobre os povos autóctones passaram a configurar o contexto social e cultural do espaço geográfico da Amazônia.

E a partir dos viajantes que, as forças dessas imagens construídas a base dos conceitos de “civilização e barbárie” difundida na época, de acordo com Renan Freitas Pinto (2008) passaram ter a capacidade de se impor como sistema de pensamento dominante ligadas ao sentir, agir e perceber o mundo das coisas e da humanidade. Isto é, essas figuras ou conjuntos de ideias ajudaram a construir um olhar etnocêntrico, o qual silencia as características culturais e sociais das populações autóctones da região Amazônica, acarretando assim na perda e/ou no silenciamento da tradição e da cultura desses povos.

A forma como foram sendo construídas essas imagens ganhavam espaços nos registros dos “homens da Ciência” que estruturam suas sociedades, à luz da filosofia do iluminismo, baseadas em um padrão de civilização que colocava o “Velho Mundo” como centro de tudo, ou seja, eram portadores de cultura e por isso “cabiam a eles levarem essa civilização” ao resto do mundo.

Essa estrutura ou a forma como se estruturava as sociedades europeias eram engendradas de representações sociais ou coletivas como se vestir, como se comportar, como se socializar, entre outros. De acordo com Roger Chartier (1991) tem-se uma representação baseada sempre em algo, uma sociedade espelhada em outra.

As narrativas dos viajantes ao se “espelhar” no outro, buscou impor à Amazônia os padrões da cultura europeia, pois, uma vez iniciada sua colonização, foram sendo nela, na Amazônia, incorporadas representações coletivas. Essa situação inviabilizou reconhecer no outro, o exercício da alteridade, ou seja, reconhecer o outro na diferença. Isto é, reconhecer os habitantes da região, tanto suas características humanas quanto suas práticas sociais e culturais. Portanto, as imagens que se constituíram sobre sua região e população os inventaram como “um povo primitivo” e “selvagens”.

De acordo com as análises de Chartier (1991), as representações funcionam como um mecanismo de fabricação de imagens articuladas ao objeto ausente dos quais vão dando-lhes formas de sentidos. Ou seja, a forma de ver algo direciona, em certa medida, à imagens de objetos existentes na imaginação daqueles que passaram pela região, dos quais essas figuras entrelaçavam-se com o objeto presente dando a elas um novo significado.

São imagens ou representações aplicadas a algo ou alguém ao assemelhar com outros elementos que, muitas vezes, não condizem de fato com aquilo visto, mas produzem, a partir disso, outros sentidos. Isto é, a “relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não é” (CHARTIER, 199, p.185).

Nessa perspectiva foi que se construiu o pensamento social da Amazônia, das imagens produzidas nos registros dos viajantes os quais ajudaram a produzir verdade sobre a formação e a configuração da história dessa região. A própria expressão ser “índio” denotava um sinônimo pejorativo. Mas, não só relatos de viajantes ajudaram a cristalizar essas imagens, como também de cronistas, filósofos da época, missionários, entre outros.

Assim, dentro dessa construção do pensamento social está Charles Marie de La Condamine, sendo que suas narrativas contribuíram para construir imagens da região. Ele foi visto como um “homem da ciência”, era naturalista e um viajante. Os seus relatos de viagem tornaram-se, no século XVIII, fontes relevantes para compreender o mundo naquele momento e, conseqüentemente, a atualidade de hoje.

Por muito tempo, os relatos de viajantes foram vistos como uma experiência real e por esse motivo influenciaram a construção de representações sobre o aspecto social, prática cultural e até mesmo das populações dos lugares pelo quais passavam. Essas representações foram construídas a partir de um olhar etnocêntrico em que ocasionou, sem exceções, em fortes silenciamento dos autóctones e produziu imagens negativas e, por vezes, pitorescas sobre esses povos. Sendo assim, a literatura de viagem e as narrativas são fontes históricas que permitem trabalhar diferentes contextos e épocas. Nesse sentido, se faz necessário conceituarmos a literatura de viagem e sua importância para a construção do conhecimento histórico, principalmente, para a História do Amazonas.

A literatura como fonte para a pesquisa em história suscita acaloradas discussões, visto que a produção literária ao transitar entre ficção e realidade, permite-nos uma (re)leitura dos aspectos e das semelhanças da realidade vivida numa temporalidade passada. A literatura

de viagem agrupa diversas tipologias textuais, mas sempre apresenta uma característica marcante os relatos/narrativas dos viajantes. É também caracterizada como um gênero de fronteira na qual “foi se consolidando em textos provenientes de matrizes e contextos históricos diversos” (CUNHA, s/d, p. 155).

Faz-se importante uma caracterização do termo “literatura de Viagens” e para isso partimos do próprio conceito de viagem. Viajar significa deslocação, movimento físico, isto é, o deslocamento de um lugar para outro que são marcadas por tempos e espaços definidos. Para SCHEMES (2013) e CUNHA (s/d) as narrativas de viagens geralmente são compreendidas como resultado de uma experiência real, porém, nem todas as narrativas são de fato fruto de experiências reais, podendo também ser uma narrativa ficcional.

No entanto, para o contexto em análise, as viagens realizadas no decorrer do século XV até XIX possuíam como fim a expansão territorial, a exploração de riquezas, a comercialização de especiarias, buscando a descrição mais exata possível dos lugares pelo quais passavam, bem como os seus habitantes, suas crenças, o meio social e o cultural.

Lembramos que no século XV as viagens realizadas visavam, principalmente, à busca de expansão territorial e riquezas, já as da metade do século XVIII estavam direcionadas à busca pelo conhecimento. Essas narrativas de viagens são permeadas no encontro com o outro, pela construção de um olhar sobre outro (SCHEMES, 2013), isto é, mostra inserido em um contexto, uma certa singularidade, construindo imagens literárias do outro, gerando estereótipos sobre os lugares que foram descritos pelos viajantes e, por vezes, perpetuado.

A linguagem neste contexto se apresenta como meio de construção da representação da realidade nas narrativas de tempos e espaços de cada lugar, e, “[...] também pela circunstância de problematizar a separação epistemológica entre ficção e realidade” (CUNHA, s/d, p.153). Desse modo, a questão da capacidade mimética da linguagem como representação da realidade nos relatos de viagens, acerca das experiências, descobertas e reflexões dos viajantes.

Assim, o uso de narrativas de viagens como fonte requer procedimentos e técnicas específicas que permite trabalhar de forma segura. Para isso, o historiador utiliza-se de métodos específicos, de acordo com Schemes (2013), problematizando-o, cruzando com outras fontes para pensar um contexto histórico e social, questionando e interpretando a veracidade/fidedignidade dos testemunhos dos viajantes com outros relatos.

Nesse sentido, como uma nova forma de construção do conhecimento histórico podemos utilizar os relatos de viagens como meio de informações históricas, etnográficas, geográficas, linguísticas, antropológicas e outros. Tomemos exemplo do próprio autor francês Charles Marie de La Condamine ao mapear o rio Amazonas descrevendo os sujeitos e os locais por onde passava, “a [...]expedição científica internacional na América [...]liderada pelo matemático francês Louis Godin” (CARNEIRO, 2001).

Essa expedição gerou uma gama de conhecimentos em áreas como a matemática, a astronomia e a história. Como a cartografia de Samuel Fritz que registrou locais de permanências indígenas, os registros de Carvajal e outras narrativas, que contém testemunhos dos sujeitos e suas culturas, meio social, crenças, vestimentas, alimentação, conhecimentos, aspectos geográficos e troncos linguísticos que juntos contribuíram para a construção da história da região amazônica. Neste sentido, os “[...] textos possuem um importante valor documental–historiográfico, etnográfico e antropológico. [...] também constituem fonte importante de informação histórica” (CUNHA, s/d, p. 169-170).

E por conter essas características, que torna-se relevante, trabalharmos as construções das narrativas de Charles Marie de La Condamine, pois possibilita-nos identificar discursos que permearam a caracterização da produção dessas imagens sobre o espaço geográfico da Amazônia. Para, além disso, conhecer e apreender outros discursos que ajudaram na construção dessas imagens, pois, proviam não só dos relatos dos viajantes, mas da articulação de um conjunto de ideias, de sujeitos como cronistas, intelectuais da época entre outros.

É nesse sentido, que o presente trabalho tem por objetivo geral analisar o campo de tensão nos discursos produzidos por Charles Marie de La Condamine na sua obra “Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas” (2000). Em sua obra o autor ora apresenta o Amazonas como uma região sem conhecimento cultural e sem tradição, e ora com traços de uma cultura pujante das populações autóctones nessa região.

Desse modo, os objetivos específicos do trabalho rodeias em conhecer como as narrativas de viagens influenciaram para a formação do pensamento social sobre a Amazônia; analisar as representações construídas acerca da natureza e da população nas narrativas de La Condamine; identificar as tensões existentes nas narrativas de La Condamine. Bem como pondo em pauta, também, a construção do autor sobre as categorias natureza e homem. Caracterizando, em certa medida, a figura do “homem” apresentada nas narrativas do autor, e como a natureza se propagou como elemento primordial de seus registros.

A metodologia deste trabalho partiu de uma análise de discurso acerca das narrativas de viagens do autor Charles Marie de La Condamine, em que foram trabalhadas a questão da falta de alteridade com a população indígena durante sua passagem na região, do olhar sobre o outro, articulada entre um conjunto de mecanismo de fabricação de representações de imagens, do autor Roger Chartier (1991). E a questão do etnocentrismo permeadas nos discursos acerca do Amazonas, tal como colocada nos estudos de Tzvetan Todorov (2010) dos quais reconhecer o outro possui uma dimensão complexa, seja ela social ou cultural, e mesmo, física.

Ao analisamos as narrativas de La Condamine, tomamos como base o estudo análises do discurso de Eni Puccinelli Orland (2009), seu estudo analisa o *discurso* voltada para o modo, a dinâmica e a produção de sentidos do texto, ou seja, da produção de sentidos em que trabalha refletindo sobre a maneira como a linguagem esta materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. A partir, desse ponto podemos compreender como foram se construindo as imagens acerca da região Amazônica, uma vez que é perceptível na época a forte influência de diferentes interesses pelos sujeitos que financiavam as expedições, explorações e entre outros na Amazônia.

Nossas análises centram-se no campo interdisciplinar, visando a construção do conhecimento histórico, acerca da região, através das narrativas do autor Charles Marie de La Condamine, de métodos e abordagens que vão para além do campo da História, abrangendo contribuições de outras áreas como a Literatura de Viagem, a Geografia, Antropologia e outras, dos quais nos permite aprender e apreender o contexto da época.

Foi nesse percurso que analisamos as narrativas de La Condamine, buscando lampejos de alteridade acerca dos povos autóctones, identificando a participação indígena no processo de construção da história da Amazônia, bem como a pluralidade da natureza que por muitos foi vista de forma homogênea. O presente trabalho se divide em dois capítulos, no primeiro apresentamos o autor francês Charles Marie de La Condamine, discutindo a construção do pensamento social acerca da Amazônia, e os conceitos de civilização e barbárie,

No segundo capítulo, buscamos investigar a obra do autor La Condamine e seus discursos sobre a natureza, o homem e sua cultura. Ao analisamos seus discursos percebemos existir uma certa tensão entre uma visão ligada à cultura europeia e os lampejos de alteridade acerca dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, e sobre o meio ambiente, dos quais sem eles, não seria possível a realização das expedições na região. O próprio La

Condamine necessitou dos conhecimentos indígenas para a viagem. Exemplos como estes, permitem demonstrar a existência de uma contradição nos discursos de La Condamine, e mesmo de outros naturalistas, sobre a população indígena.

CAPÍTULO I

O OLHAR DE LA CONDAMINE E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A AMAZÔNIA

No Brasil, assim como em toda a América, nos séculos XVIII e XIX tornaram-se palco de expedições para muitos estudiosos da ciência, principalmente, nas regiões como a Amazônia, buscando realizar uma descrição geral de seus aspectos naturais, a fauna, a flora, e de seus aspectos humanos.

Nesse sentido, a ciência foi “tomada como ferramenta para se investigar o mundo e, através dela, formular leis gerais que permitiriam a compreensão do mundo no qual o homem se insere” (FERNANDES Apund ANTUNES, 2016, p.13) levando dessa forma, a humanidade a “conhecer e compreender” seu mundo.

Entretanto, esse conhecimento e compreensão foram sendo, construídos sob um olhar etnocêntrico acerca de outros locais que eram distintos da Europa naquele momento. Dessa forma, o presente capítulo tem por objetivo apresentar como foram se configurando o pensamento social na região. Sendo assim, o capítulo se divide em três tópicos: no primeiro, apresentamos o autor em estudo, no segundo, refletiremos sobre o modelo de ciência de sua época.

No terceiro, debatemos os conceitos utilizados pelo autor La Condamine como civilização, cultura e barbárie em suas narrativas ao descrever sobre a população que habitavam o rio do Amazonas, buscando entender como esses três elementos se difundiram na região e no mundo.

1.1 O EXPLORADOR E NATURALISTA

Entre os viajantes do século XVIII, nosso olhar volta-se para Charles Marie de La Condamine, nascido em 28 de janeiro de 1701, na cidade de Paris, e falecido em 1774. Foi um cientista naturalista e explorador francês, integrante da Academia das Ciências e integrou o exército francês aos 17 anos. Estudou sobre as ciências positivas, a matemática, a física, a astronomia e a medicina, mas seus escritos mais conhecidos dizem respeito à história natural.

O naturalista participou de diversas viagens de exploração como ao norte da África em 1731 na expedição de Duguay -Trouin pelo mediterrâneo (Costa da África e o litoral da Ásia Menor), e à América do Sul, na expedição de 1735 ao Peru sob a liderança de Louis Godin.

Foi durante uma expedição à América do Sul - particularmente uma viagem científica cujo objetivo era “medir, sobre a linha do equador, o comprimento de um arco de meridiano equivalente a um grau em Istmo de Panamá” (LA CONDAMINE, 1992) - que o francês La Condamine, ao passar pela Amazônia, desceu o rio Amazonas com o objetivo de mapeá-lo descrevendo sua fauna e flora e os sujeitos que nele habitavam.- embora sua expedição a região tinha o propósito inicial de “provar” a existência das amazonas.

Charles Marie de La Condamine em 1743 com a permissão do governo português, efetuou, "(...) de meados daquele ano a meados de 1744, a descida pelo nosso rio-mar, desde Jaén de Bracamoros até Belém do Pará, o que lhe permitiu levantar a carta do curso do Amazonas, desde as nascentes até à foz” (LA CONDAMINE, 2000, p.22). Dessa experiência, acerca de sua passagem pela região, produziu a obra “Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas” (2000). Nela, o francês descreve observações astronômicas, geográficas e antropológicas das populações indígenas que encontrava.

La Condamine expõe aos europeus de sua época, o manejo do látex da borracha, e sua importância que anos mais tarde, desdobrara num cenário de transformação para a região e “elabora” através de estudos – dos quais está a carta do P. Samuel Fritz - um mapa acerca do rio do Amazonas em que passou a ser usado por muito tempo por aqueles que viajavam pela região.

Em seus registros, também, se aponta um aspecto que tem sido bastante ressaltado que “[...]é sua visão antropológica que, em geral, é negativa em relação aos indígenas” (PINTO, 2008, p.141), o que embora o autor também descreva sobre seus conhecimentos tradicionais, este ainda apresenta uma visão negativa. O que encontramos em seus registros é a figura de uma população de modos e tradições “estranhas”.

Nas demais expedições em que o autor participou identificamos a importância das viagens científicas ao redor do planeta, como a astronomia acerca da medição dos polos da Terra baseadas na teoria de Newton (LA CONDAMINE, 1992), em que se tinha uma discussão acerca da existência de que os polos Norte e Sul da Terra eram achatados. De fato, os trabalhos de La Condamine quer seja por ele empreendida ou que tenha participado

demonstraram, terem informações para os estudos geográficos, matemáticos e entre outros. Assim, como também para a História da Amazônia e de sua população.

1.2 A CIÊNCIA NO CONTEXTO DE LA CONDAMINE

Com as diversas expedições científicas à região Amazônica, nos séculos XVIII e XIX, foram sendo “construídos conhecimentos” que naquele momento se apresentavam como “elemento seguro”, sem características imutáveis de um conhecimento pronto e acabado, sobre a natureza e a população indígena. A construção desses conhecimentos gerou estereótipos que mais os colocavam como sujeitos “sem desenvolvimento cultural”, dando a entender que não existiam aspectos distintos em seus comportamentos sociais e culturais.

Além, de apresentar uma visão homogênea da natureza, dos quais prevaleciam o domínio da mesma sobre a população, mesmo existindo diferenças. E quando identificados pelos observadores eram negligenciados pelos olhares dos “homens da ciência” (ou por qualquer outro estrangeiro que adentrava na Amazônia), que buscavam mais registrar a região dentro de uma racionalidade reducionista.

Foi nesse processo de realizar uma cosmografia geral do espaço geográfico do “Novo Mundo” que se construíram imagens acerca da Amazônia. As narrativas dos viajantes estrangeiros que percorreram por essa região passaram a produzir discursos, que em seu momento foram vistos como “verdades” sobre o pensamento social da Amazônia.

Os naturalistas apresentavam-se, nessa época, como “um corpo comum de conhecimento” buscando uma “classificação global” a partir da intervenção humana, isto é, buscava classificar o “caos” em que a natureza se apresentava. Nesse movimento, procurava ordená-la a partir dos padrões de civilização da sociedade europeia (CARVALHO JÚNIOR, 2011).

O emergir desse “corpo de conhecimento” ocorreu na era setecentista, com o movimento iluminista. Uma vez que na Europa ocorreram, de acordo com as análises de Hugo Tavares (2011), uma série de mudanças significativas, tais como o aumento da produção agrícola, da expansão urbana, do avanço tecnológico, a invenção da máquina a vapor e da locomotiva, e entre outras transformações. Esse movimento também ficou conhecido como “século das revoluções”, tendo como exemplo a Revolução Industrial na

economia, e a Francesa na política, destacando-se também pela revolução do conhecimento a partir do pressuposto iluministas” (TAVARES, 2011).

Para Tavares (2011) o mundo naquele momento sofreu mudanças significativas dentro do campo de “construção do conhecimento histórico”, e nas esferas políticas, econômicas e sociais em que se mostraram elementos primordiais para se conhecer e compreender mundo. As ideias iluministas tornaram-se um ponto inicial dessa mudança.

O iluminismo foi, na era setecentista, um amplo movimento literário, científico e filosófico que estabeleceu novas ideias acerca do mundo natural, a economia, as relações entre o homem e a sociedade e sobre a política no mundo europeu. Os intelectuais, ou pensadores, desse movimento, conhecidos como “filósofos das luzes”, tinham como ponto central a crença de que a razão e a ciência promoveriam o progresso da humanidade, e não na crença religiosa. E tendo como núcleo central a crítica ferrenha ao domínio, e/ou ao poder, ideológico da igreja católica e da autoridade tradicional da monarquia absoluta (TAVARES, 2011).

Tendo origem em Paris, as ideias iluministas expandiram-se para as demais cortes europeias, no entanto, não de forma homogênea, mais em tons diferenciados. A propagação dessas ideias desencadeou um movimento de reforma na Europa, e foram se estendendo as colônias tanto do “Velho Mundo”, quanto das colônias do “Novo Mundo”, atingindo áreas econômicas, políticas, sociais e científicas em que tiveram como pressuposto “o estudo da natureza e das populações dos territórios coloniais” (TAVARES, 2011, p. 03).

As ideias iluministas tinham como finalidade, nas terras do novo continente, a necessidade de inventariar suas potencialidades, de delimitar seus limites geográficos, e de racionalizar a exploração de suas riquezas, dessa forma, a natureza e a ciência deveriam instrumentalizar a recuperação da economia, num “binômio fonte de conhecimento”. Ou seja, segundo Tavares (2011), os “conhecimentos adquiridos” ganhavam sinônimos de geração de riquezas, e não de fato, a busca por uma produção de conhecimento.

Paralelo a essa conjuntura está a mudança da pedagógica baseada na escolástica aristotélica pelas modernas “humanistas e ciências” nas instituições superiores da Europa. Ou seja, mudanças, de certa forma, na maneira de como iriam ou passariam a “construir o conhecimento” acerca do mundo naquele momento. O mesmo se aplicou, de certo modo, na construção do pensamento social sobre a Amazônia.

A Filosofia setecentista ganhou impulsos avassaladores no campo científico, principalmente, por ser considerada, no período, a “Ciência Magma” em que agregava todos os conhecimentos da época (a Ética, a jurisprudência, a política, a Medicina, a Matemática, a Física, a Química, História Natural e a Teologia Natural, entre outros), transformando-se assim num ensino “básico” e ganhando “simpatia” de muitos discentes no ensejo de graduarem-se em “filósofos da natureza”- Alexandre Rodrigues Ferreira é um exemplo disso.

Na Filosofia da Natureza o conhecimento era agregado ao mundo natural, pois, era visto, na época, como fonte de conhecimento humano e sua observação sistemática garantia a razão. Para tanto, “observar a natureza em seu estado puro, coletar, colecionar, classificar, experimentar e deduzir o conhecimento a partir de estudos comparativos, este, grosso modo, era o método experimental adotado”. (TAVARES, 2011, p. 05). É desse movimento, que surgem os naturalistas.

A palavra “naturalista” deriva do naturalismo cujo termo é rico em significados como a maioria dos “ismos”, e possuía aplicações diversificadas em diferentes áreas do conhecimento (FERNANDES, 2016). Em literatura, o termo emergiu na França no final do século XIX, e “em artes plásticas, ele denota a propensão de representar as formas naturais, incluindo os corpos humanos, de maneira mais realistas possível, assim, como elas se apresentam aos sentidos” (FERREIRA, 2010, p. 527). No entanto, para o referente século era considerado naturalista aquele que se dedicava aos estudos da história natural, observando tudo aquilo que fossem “útil ou contribuísse” para a ciência.

A partir do experimento adotado, estudos comparativos pela filosofia da natureza, é que se caracterizou o olhar do naturalista ao observar, descrever, classificar e ordenar, entre outros, os lugares por onde passavam. Esse estudo comparativo esteve presente no modo de observar e descrever de muitos naturalistas que passara pela América do Sul. Nesse sentido, os filósofos naturalistas:

(...) recebiam uma formação ampla e, na medida em que eram selecionados para fazer parte de uma expedição, isto é, de uma viagem filosófica, eram minuciosamente instruídos. Seu olhar era educado, disciplinado de modo que suas observações fossem proveitosas. Para garantir o bom resultado da viagem foram elaborados manuais com instruções que visava, em última instância, excluir dos relatos a subjetividade do autor. (TAVARES, 2011, p. 06)

O olhar de um naturalista, segundo Tavares (2011), era disciplinado em como “observar” e mais do que isso, “como ou o que descrever” nas expedições filosóficas. Para

que pudessem ter êxitos em suas observações ao registrar o ambiente de seus estudos. Isto é, descrever a natureza.

Nesta conjuntura a propagação das ideias iluministas desencadearam a construção de imagens sobre o espaço amazônico que se cristalizaram ao longo da história. Em vista que, até então a imagem que se tinha sobre a região era ligada ao edênico e ao infernal¹, tal como apresentadas na religião católica. Essa figura passou, então, com as ideias iluministas a ganhar uma nova dimensão, essa dentro de uma ótica de “mundo moderno”, a exploração de riquezas naturais e a expansão de territórios eram, ainda, um fator preponderante.

Renan Pinto (2008), em suas análises acerca das “viagens das ideias” nos mostra como foram se articulando e ganhando nova “forma” o pensamento social sobre a Amazônia. Foi esboçado uma interpretação em que se perpetuou no imaginário dos europeus. Dessa forma, para Pinto:

Seus julgamentos etnocêntricos e eurocêntricos podem ser atribuídos em parte à força do espírito das luzes, que passou a reforçar a ideia da Europa como o centro do mundo e, conseqüentemente, as demais geografias como fazendo parte do exótico, do distante, da barbárie e do selvagem (PINTO, 2008, p. 141).

De fato, Pinto nos mostra, a visão do colonizador europeu, que ao longo do século XVIII, e mesmo antes, se expandia a ideia de que a Europa era o “centro do mundo”. E isso se refletiu, principalmente, na maneira de observar, descrever e estudar os lugares distantes da Europa seja pelos homens das ciências, pelos viajantes, pelos explorados, etc. Essa predominância de superioridade se alargou, como foi visto, a partir das décadas setecentista com as crenças do iluminismo baseada, de certo modo, numa racionalidade científica, razão e ciência, solidificando essas crenças no século XIX.

Nesse sentido, a ciência nesses séculos, XVIII e XIX, “era observadora, descritiva e principalmente viajante” (FERNANDES, 2016.p,14). As narrativas eram produzidas pelas expedições e provinham das ciências naturais, seja, dos homens da ciência que quase sempre, sem exceção, eram europeus. Seus registros tornaram-se fontes para muitos estudos acerca da geografia, da cultura e de outros elementos de uma determinada sociedade, seja ela no “Novo ou Velho Mundo”.

¹ A imagem *edênica* posta sobre a população indígena da Amazônia, segundo as análises de Neide Gondim (2007), foi construída pela figura do “homem Amazônida” em convívio harmônico com a natureza e, tal como descrito na religião católica, sobre o jardim do Éden. O que conseqüentemente, essa pureza e harmonia, se mostrara, mais tarde, uma face *infernal*. Pois, estes sujeitos, não seguiam os dogmas religiosos, ao contrário seguiam seus “deuses pagãs”, ou seja, suas próprias crenças.

Sem dúvida, essa forma de “construção de conhecimento” se tornou elementos para “analisar” o mundo a sua volta, o que se nota visivelmente nas obras e estudos sobre o mundo em geral e em lugares específicos. Sendo assim, esse acontecimento se tornou “um momento decisivo da história da ciência no século XVIII” (PINTO, 2008.p.141).

Embora as narrativas de Charles Marie de La Condamine apresentem uma característica reducionista, seus registros não deixaram de conter informações históricas, etnográficas e geográficas para se entender, em certa medida, o contexto daquele momento sobre a população e sobre o espaço geográfico.

1.3. UM OLHAR ETNOCÊNTRICO NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL SOBRE A AMAZÔNIA

Desde o momento da chegada dos primeiros colonizadores na região Amazônica esta foi vista pelos viajantes como um lugar de riquezas naturais. Os relatos desses viajantes foram espalhando-se pelo “Velho Mundo” desencadeando no Brasil (como hoje é conhecido), e principalmente, na região uma série de conflitos e eventos que levavam ao enriquecimento das metrópoles europeias em detrimento das populações autóctones.

Entretanto, não apenas enriquecimento econômico, mais também conhecimentos geográficos, intelectuais e colonizador, dos quais mais favoreciam os estrangeiros do que propriamente a população nativa, destruiu seu meio ambiente e suas crenças, além do extermínio dos próprios indígenas. Quanto mais adentravam e conheciam as novas terras, em particular a região Amazônica, mais aumentava o fascínio pelas riquezas naturais e pelo controle da mesma.

É nessa perspectiva que o estudo sobre a Amazônia ganhou uma nova dimensão que serviam, de certa forma, como controle geográfico e silenciamento das populações que nela habitavam, de suas tradições e costumes. Produzindo imagens negativas, pitorescas e etnocêntricas. Para Porto-Gonçalves (2012, p.12):

A imagem que normalmente se tem a respeito da região Amazônica é mais uma imagem *sobre* a região do que *da* região. Essa situação decorre da posição geográfico-política que a região ficou submetida desde os tempos coloniais. Desde os primórdios da sua incorporação à ordem moderna, desencadeada pelo colonialismo, a região tem sido vista mais pela ótica dos colonizadores do que de seus próprios habitantes.

Para Porto-Gonçalves a figura que geralmente se têm sobre a Amazônia é aquela vista do ponto de vista daqueles de fora da região, seja eles estrangeiros (daqueles fora do Brasil) sejam eles de outros estados (aqueles que fazem fronteira com Amazônia). E essa visão geralmente, na atualidade, vem carregada de imagens como uma região “atrasada”, “parada no tempo”, e etc., outra é aquela, como uma região sem “cultura”, “primitiva” e entre outros.

Ainda nas análises de Porto-Gonçalves, a Amazônia se mostrou como um local propício a “uma defesa territorial”, pois, haviam muitos conflitos entre diferentes nações da Europa que disputavam o controle dessa região. Desencadeando ainda mais medidas de controle e imposição de costumes e hábitos europeus.

De fato, o que se nota nos estudos acerca da Amazônia desde os séculos XVI e início do XIX, é a imposição de um “padrão civilizatório” que colocava os ideais europeus como fato essencial da “evolução” humana em detrimento dos costumes e tradições dos povos autóctones. A Amazônia se mostrava, naquele período, como uma região atrasada em comparação com as sociedades da Europa, e isso se deve, principalmente, a tecnologia da época, pois, no Velho Mundo já utilizam o ferro, instruções e ferramentas para a navegação, a máquina a vapor e entre outros.

Lembramos que esse conhecimento moderno entrelaçado à exploração de riquezas na Amazônia levaram a um processo de “desenvolvimento”, que mais destruía seu espaço geográfico, seja ele, em sua dimensão sociocultural humano, seja ele em seu meio ambiente acerca de sua fauna e flora. Tudo isso ocorria com a justificativa de que a região, assim, como todo o continente necessitava ser “salvo de seu estado de barbárie”, bem como modernizar-se.

É nessa perspectiva que se apresenta as imagens acerca da população, da fauna e da flora nos discursos de Charles Marie de La Condamine de uma região “atrasada”, sem “conhecimentos” e sem “elementos culturais”, entre outros. Para trabalhar as narrativas de La Condamine acerca dos povos autóctones, antes precisamos compreender os conceitos de cultura, civilização e barbárie para entender como eles foram sendo, construídos na região.

O conceito de cultura é algo difícil de ser definido, pois, cada sociedade e/ou povo possuíam suas particularidades, e não podem ser vistos como algo unilinear. A cultura não é algo petrificada, mas dinâmica, isto é, se transforma com o tempo, ganhando novos significados.

Assim, a partir dessa pressuposição, a grosso modo, podemos entender que cultura é um conjunto de valores simbólicos dos quais agregam as crenças, os costumes, os códigos

sociais, as formas de expressão de um povo, adquiridos e desenvolvidos pelo contato social e acumulados ao longo dos tempos (LARAIA, 2001). Ou seja, é uma interação humana baseada em uma forma simbólica relacionada ao tempo e a vida sociocultural no interior dos grupos humanos ou nas sociedades.

Entretanto, a definição aqui estabelecida possui, acerca da cultura, característica da atualidade, dentro de uma visão antropológica. Partimos, então, para a “representação de cultura”, no contexto de La Condamine. Nas décadas anteriores e as que se sucederam a sua passagem (principalmente as décadas do século XIX) pela Amazônia a cultura era entendida, por uma concepção, de evolucionismo unilinear ligada a uma visão determinista que oscilava entre o biológico e o ambiente físico (ou geográfico) em que comparava, dentro de uma escala civilizatória, “as nações europeias com o restante do mundo” (LARAIA, 2001).

Essa comparação civilizatória, de acordo com a análise de Roque Laraia (2001), favorecia, de certo modo, as sociedades europeias. Pois, a análise comparativa ligava-se ao “grau de civilização” existentes entre as noções da Europa com as demais sociedades, partindo sempre do pressuposto de um conjunto de valores europeus em face aos outros povos.

A civilização, naquele momento, de acordo com Silva Aquino (2012) era entendida como “um mecanismo” que analisava de forma comparativa o grau de ‘civilidade’ dentro de uma sociedade ligada ao bem material e os símbolos culturais. O conceito de civilização para Aquino (2012, p. 141):

[...] está associado à noção de progresso. Portanto, sob esta perspectiva, civilização corresponderia a um processo evolutivo vivenciado pela sociedade, em que os sujeitos deixariam um estágio considerado inferior, em direção a um estágio classificado como superior.

Sem dúvida, de acordo com Aquino, a intensidade desse conceito se propagou diretamente aos modos de vidas dos diferentes povos e /ou sociedades na era setecentista, e mesmo antes e depois disso. Já que os conhecimentos das sociedades europeias, possuíam uma escala de superioridade e os demais vistos como “atrasados”, “primitivos”, “exótico”.

Nos estudos dos homens da ciência essa ideia de “progresso” representou uma influência ligada a busca de “conhecimento”, e isso podemos notar nos registros de viajantes, como nas narrativas do autor La Condamine (como iremos analisar mais á frente).

O mundo, naquele momento, se dividiu, então, em termos de “[...] contraposição estabelecida a partir dos pólos cidade e campo- um como a luz outro como treva; um como

civilização outro como barbárie [...]” (NAXARA, 2002, p. 136). Esses dois elementos de lados opostos representavam, dessa forma, um “grau de civilidade” em que o primeiro era dominado pelo controle humano, ou seja, o dominador da natureza onde estavam agregadas as culturas, costumes, e entre outros.

No segundo prevalecia a natureza (selvagem) onde o “nível” de controle humano, ainda, não existia. É nesse sentido, que ganhou “corpo” o conceito de barbárie, entendido como “aquele não civilizado”, que não controlava o meio ambiente a sua volta. Necessitando, então, intervir o “estado de barbárie” que se encontra nessa natureza.

Essa concepção de luz e treva foi se constituindo e ganhando força, em todo o “Velho Mundo”, servindo como “[...] base para as interpretações e visões de mundo que permitiram e possibilitaram leituras e representações da realidade” (NAXARA, 2002, p. 138). Tomando como fator primordial à medida que a humanidade passou a buscar conhecer e compreender seu mundo. Tal visão se estendeu às terras americanas propagando-se na criação de imagens etnocêntricas acerca da população autóctone da natureza.

No Brasil, algumas dessas representações produzidas, principalmente, ao longo do século XIX, em relação a natureza/civilização - ou mais precisamente entre o litoral e o interior ou litoral e sertão - “[...]foram registradas, primeiramente, por artistas e naturalistas estrangeiros, tendo sido publicadas na sua língua e terra natal, tendo em vista um público leitor ávido por conhecer o *exótico*, o *pitoresco* e as diferenças do novo mundo, [...]” (NAXARA, 2002, p. 136). Essa perspectiva sem dúvida apresentava a Amazônia como uma região atrasada cuja práticas culturais, costumes e tradições são entendidas com “grau de civilidade inferior” as da sociedade europeia, percebidas como algo “estranho”.

É de se notar, que o olhar e a mentalidade de La Condamine estavam impregnados por essas acepções, pois, seus registros apresentam uma visão reducionista sobre os autóctones da região Amazônica. Principalmente, quando o autor fala do “estado de barbárie” que essa população se encontrava por estar, portanto, abandonado a natureza se aproximava mais dos animais.

Para La Condamine, assim, como para outros estrangeiros que adentravam a região da Amazônia apresentavam a mesma concepção negativa ao descrever e ao registrar os povos indígenas. Para os europeus à Amazônia não possuía elementos culturais simplesmente pelo fato de o “homem amazônico” não exercer controle sobre a natureza que os rodeava ou mesmo a prática de sua cultura.

A visão que tinham sobre a região caracteriza-se pela falta de alteridade com os povos autóctones, mesmo em face da “produção de um conhecimento” para se entender o mundo naquele momento. Nesse sentido, o progresso evolutivo incorporado na região agregava a noção de que o “etnocentrismo e a ciência marchavam de mãos juntas” (LARAIA, 2001, p. 34).

Esses três elementos, cultura, civilização e barbárie, mais o olhar disciplinado do naturalista produziram representações de uma realidade amazônica imbuída de imagens etnocêntricas e eurocêntrica. Geralmente ligada a uma região parada no tempo², sem conhecimento, sem cultura e sem tradição. De uma população “incapaz de refletir e pensar no futuro”.

Assim, partindo desse pressuposto de “progresso evolutivo”, a Amazônia ficou exposta a um “desenvolvimento” que, paulatinamente, foi destruindo sua cultura, seu meio ambiente e mesmo causando seu extermínio. O sistema civilizatório europeu imposto aos indígenas da região Amazônica ocasionou em fortes silenciamentos e na perda das tradições e costumes dos diferentes grupos étnicos existente na região.

Se por um lado, a Amazônia é vista como algo parado no tempo, necessitando modernizar-se, não possuidora de cultura, tradição e nem mesmo diferença física. Por outra, ela apresenta uma figura ligada a um “mundo cheio de belezas, riquezas naturais e de encantos”. Essa dupla figura entrelaçada à região, é apresentada em como a Amazônia é vista por aqueles pelos estrangeiros.

Essa imagem construída sobre a Amazônia de ser parada no tempo agrega uma perspectiva negativa, pois o modo como os povos se relacionam e se desenvolvem possuíam características distintas do resto do Brasil. Em sua obra “A invenção da Amazônia” (2007), Neide Gondim apresenta as narrativas dos viajantes que passaram na região, analisando como essas narrativas contribuíram para a criação de um local cheio de imagens ligada ao edênico e ao infernal.

Mais do que isso a Amazônia, como hoje se denomina, agrega um conjunto de ideias de um imaginário mítico europeu como lendas das Amazonas, o Eldorado e entre outros, que foram paulatinamente “transportadas” para o chamado “Novo Mundo”. Essa imagem de mistérios e lendas percorreu todo o imaginário dos primeiros colonizadores.

² O termo “parado no tempo” corresponde a expressão à margem da modernização, pois “não tem” elementos de uma sociedade moderna, que para José Aldenir de Oliveira (2007) essa expressão parada no tempo geralmente vem de acepções formadas de uma realidade distinta a da região.

Esse imaginário de lendas e mitos aqui, na Amazônia, incorporadas de acordo com Gondim vem de um imaginário já existente na cultura dos primeiros viajantes (Carvajal é exemplo disso) que adentraram na região, ou seja, antes mesmo de “chegarem” nela, e mesmo na América continental, um “mundo mítico já existia na mente dos europeus este “herdados de seus ancestrais”. Esse elemento herdado a autora denomina de “bagagem imaginal”. E é a partir dessa bagagem que a Amazônia começa a ser ‘inventada’.

Percebemos, então, que o pensamento social construído na Amazônia possuía dois elementos. A primeira emergiu com uma bagagem imaginal, analisadas por Gondim, ligada às lendas e mitos que existiam no “Velho Mundo”, mas que foram incorporadas nas novas terras, e existentes nos primeiros viajantes que se passaram e se estabeleceram na região.

O segundo, deixando, em certa medida, de lado o “mundo fantástico de lendas e mitos”, mas também sendo incorporadas à região, se tinha a propagação de um processo de desenvolvimento que mais destruía e silenciava a população local. O processo de classificar e ordenar o mundo a partir de uma racionalidade produziu muitas imagens negativas tanto dos povos indígenas quanto da natureza amazônica. Pois tanto, a população quanto a natureza foram percebidas como algo homogêneo. E é dentro dessa perspectiva que La Condamine registrou seu testemunho acerca da população e natureza.

CAPÍTULO II

ESPAÇOS DE TENSÃO: ETNOCENTRISMO VERSOS LAMPEJOS DE ALTERIDADE

É de se notar, que a forma como se configurou o pensamento social sobre a região Amazônica desencadeou elementos que ajudaram a forjar imagens pitorescas e negativas, levando a perda cultural e a invisibilidade dos povos indígenas na construção da História da Amazônia. Mais do que isso, as imagens construídas tornaram-se na atualidade sinônimos pejorativos.

Entretanto, alguns estudos como de Antonio Porro (*O Povo das Águas: Ensaio Etno-História Amazônica* (1995), José Aldenir de Oliveira (*Cidades, Rios e Floresta: raízes fincadas na cultura e na natureza* (2007), Charles Wagley (*Uma Comunidade Amazônica: estudos do homem nos trópicos* (1988) e entre outros, trazem novas acepções acerca da população e da natureza, suas análises apontam elementos que tem possibilitado, de certa forma, (des)construir algumas imagens, dando a elas novos significados. Assim, este capítulo analisa as representações da natureza e da população, a partir das narrativas de La Condamine.

Sendo assim, o capítulo se divide em dois tópicos: o primeiro analisou a figura das categorias natureza e homem nos relatos do autor em questão. No segundo, buscou-se investigar os espaços de tensão, ou os lampejos de alteridade, que se apresentam em suas narrativas, sobre a população indígena e de seus conhecimentos tradicionais.

2.1 A “NATUREZA” E O “HOMEM” NAS NARRATIVAS DE LA CONDAMINE

Antes de analisamos a figura da natureza e da população (homem) percebida por La Condamine, antes temos que trabalhar a questão da falta de alteridade e a presença do etnocentrismo em seus relatos. São muitos os discursos que descrevem o “outro”, que podem ser a população indígena, população negra, entre outros. Sem dúvida, falar sobre o outro, como diz Todorov (2010), é algo complexo seja em sua característica social, cultural ou física.

Muitas vezes, ao descrevemos ou falamos sobre o outro deixamos de lado suas potencialidades, essas muitas vezes na forma de se socializar, de sua vestimenta, de suas práticas culturais, suas crenças, etc., e acabamos avaliando esse outro pela ótica de nossas culturas, ou seja, o “outro” é visto, quase sempre, pela ótica de quem os estão vendo, ou por quem os descrevem.

Essa maneira de ver ou falar sobre esse outro se caracterizar, muitas vezes, em imagens negativas ou mesma etnocêntricas. Exemplos disso são as narrativas dos viajantes, seus relatos, muitas vezes, eram permeados pela falta de alteridade. Portanto, a expressão alteridade, de acordo com Molar (s/d), é um estado e/ou qualidade do que é o outro, distinto e diferente. Aceitando e respeitando o outro, de certo modo, é buscar reconhecer o outro e aceitar sua diferença.

No entanto, as imagens construídas, sobre a população de outros povos, ganham “vidas” a uma dimensão pouco “favorável” sobre aqueles que descrevem, tomamos exemplos a população indígenas vistas e descritas pelos colonizadores como povos “selvagens” ou “primitivos”. Essas figuras construídas “ganham espaços” na dimensão do etnocentrismo registrados por viajantes, cronistas, entre outros, isto é, ao descrever, falar e observar o “outro” parti do conjunto de valores da sua própria sociedade, por vezes, essa comparação desencadeia na disseminação da perda cultural e social dos povos descritos, já que seus padrões de civilidade são considerados “inferiores”.

Essa nessa “categoria de inferioridade” construídas que se exprime e se materializar o etnocentrismo. Para FERRED (1995):

A expressão, etnocentrismo, designa que tudo aquilo que considera sua própria maneira, ou de seu povo ou sociedade, de ser, de agir ou de pensar é melhor ou único, desconsiderando as concepções e valores produzidos por outros povos. Baseando-se em uma forma de identificação do indivíduo com o seu grupo social e na certeza da superioridade de um, certo número de valores, de crenças ou de representações, o etnocentrismo é uma atitude ou disposição mental que utiliza-se de suas próprias regras e de suas normas para jogar o outro e o diferente. Assim, de posse de valores vivido exclusivamente por seu grupo social opera uma demarcação entre bárbaros e civilizados. Antropólogos como Melville Herskovisk, Alfred Krcerber e Claude Levi-Strauss demonstram como tal comportamento é a base da recusa da diversidade de culturas e da intolerância xenofobia, e muito frequente do racismo.

Para Ferred o etnocentrismo exprime um “conjunto de valores civilizatório” de uma determinada sociedade que são tomamos como elementos seguros de uma “superioridade”,

baseados no modo de pensar, de agir, no valor de suas crenças, de suas representações dos quais passam a serem a regra primordial de sua “superioridade”. Ferred, portanto, demonstra um elemento importante na construção do “conhecimento global” dos diferentes lugares distintos da Europa durante o século XVIII, e se não muito antes disso. Portanto, partindo disso falar sobre o “outro” é uma dimensão complexa.

E a partir disto, podemos perceber nos registros de viajantes, como La Condamine, uma “parte da face” na construção da região Amazônica, pois na construção de seu pensamento social eram fortes as imposições desses valores. Partindo, dessa reflexão sobre o etnocentrismo e a alteridade continuaremos a seguir as análises sobre a região e sua população amazônica.

2.2 A NATUREZA

Os discursos construídos por Charles Marie de La Condamine (1743 -1744) em sua passagem a região Amazônica, apresentou, de certa forma, uma ignorância sobre a pujança da cultura indígena e um olhar de alteridade que, de certa maneira, era mais ausente do que presente acerca da população. Uma Certa “ignorância” devido à falta de alteridade em aceitá-lo pela sua diferença.

Nessas construções há um silenciamento da ação dos tipos originários da terra. Ao privilegiar a naturezas em detrimento dos sujeitos, La Condamine constrói imagens sobre o espaço amazônico e sobre as populações indígenas, contribuindo, assim com outros discursos, para a caracterização dos povos que viviam no rio Amazonas.

Lembramos que as imagens construídas tanto na história da região como de seus habitantes foram marcadas por um conjunto de narrativas de cronistas, viajantes, intelectuais da época, etc., que se constituiu e vem se constituindo até os dias atuais. Tentar romper com essas imagens tornar-se um caminho árduo, no entanto, é de suma relevância reconhecer o papel que as populações indígenas tiveram e ainda tem na História da Região.

Diferente do discurso em relação às populações indígenas que são apresentadas geralmente como algo superficial, de forma que os descreve sem se aprofundar, a natureza é privilegiada em suas narrativas com as suas riquezas naturais, a fauna e a flora, o clima e as terras férteis, os caudalosos rios e lagos, as diversidades de peixes e aves, e as diversas

plantas, principalmente, as medicinais. Mas que, também, apresenta a natureza ou meio ambiente de forma homogênea.

Essa riqueza natural, principalmente, a diversidade da fauna, caracterizaram os estereótipos de uma população “preguiçosa (como veremos mais a frente). Assim, La Condamine descreveu a flora:

Pode-se calcular qual seja a abundância e variedade das plantas em uma zona em que a umidade e o calor contribuem para tornar fértil. [...]. As gomas, as resinas, os balsamos, todos os sucos que derivam de diversas incisões de árvores, assim como os diferentes óleos que delas se tiram, são coisas sem conto. O azeite que se extrair do fruto de uma palmeira chamada “ungarave” é, ao que dizem, tão doce e tão saboroso quanto o da azeitona. [...] da “andiroba”, dão se uma belíssima luz, sem nenhum mau cheiro. A resina chamada Caucho, quando fresca da-se-lhe moldas a forma que quer, fazem com elas garrafas que não são friáveis, e botas, e bolas ocas, que se achatam quando se apertam, mas que retornam a sua primitiva forma desde quer livres. (LA CONDAMINE, 2000, p.71-72)

Ao registrar a fertilidade e abundância da natureza, as diversas plantas e seus benefícios extraídos delas, tais como o azeite, a andiroba e a borracha, além das resinas, gomas e bálsamos, La Condamine mostra os benefícios que elas proporcionam, seja em caráter econômico ou em caráter científico. Essa diversidade existente demonstrava a fertilidade que a natureza possuía, favorecendo o crescimento de diferentes plantas. La Condamine mostra, também, a produção de certos objetos que podiam ser produzidos pela borracha, dos quais se assemelham a uma “bola” e eram bastante utilizadas pelos indígenas. Isso se percebe na produção de um objeto que, de certa forma, é semelhante as “botas” que os europeus produziam no “Velho Mundo”.

O que chamou atenção de La Condamine, de certo modo, não foi a capacidade de produzir objetos retirados da natureza pela população, mas sim a capacidade de transformar a natureza em meios de produção seja em forma de produção intelectual, seja em meio de produção econômica. As informações que as plantas fornecem e propõem a qualquer viajante que chegava na Amazônia se transformaram em muitos conflitos sobre o controle da região, principalmente, para a exploração desses produtos e/ou especiarias. Um exemplo emblemático disso é o manejo do látex.

A busca pela Quina no “Novo Mundo” é outro exemplo que podemos identificar. Seu uso em medicamentos medicinais, como antifebril, se tornou um dos produtos de aquisição tanto pelos naturalistas quanto por aqueles que desejavam lucrar com sua exportação. La

Condamine em sua viagem exportou algumas para o jardim do rei na França, com a ajuda dos índios:

Com a ajuda de dois índios dos arredores, que eu havia tomado para me guiar, não pude em toda jornada recolher mais que oito ou nove mudas de quinquina, aptas a serem transportadas. Fi-las meter com a terra do lugar em uma caixa suficientemente grande. Essa caixa foi transportada com precaução por um homem que caminhava sob as minhas vistas até o lugar em que embarquei; eu esperava conserva ao menos algum pé, que poderia deixar depositado em Caiena, se não se apresentasse em estado de poder ser transportada atualmente para a França, para o jardim do Rei (LA CONDAMINE, 2000, p. 50).

O transporte da Quina, sem dúvida demonstrava o quanto eram procuradas as riquezas do novo continente. E a forma como utilizavam os benefícios da natureza, sobretudo sobre a qualidade e os benefícios produzidos pela seringa ou borracha, que em 1827 começou a ser exportada e ganhando grande importância. E a partir de 1836 com processo da mistura entre o enxofre e a borracha, tornando-se um produto para a indústria automobilística.

La Condamine encontrou, também, uma grande variedade e qualidade de espécies de animais. O autor destaca que a riqueza desta fauna, e mesmo da flora, favoreceu a “preguiça dos índios”, pois, os indígenas não produziam mais do que o necessário para sua sobrevivência. Assim descreveu La Condamine:

A natureza parece ter favorecido a preguiça dos índios, e ter ultrapassado suas necessidades: os lagos e os mangues que se encontram a cada passo nas proximidades do Amazonas, e não raro bem no interior das terras, são enchidos de peixes de todas as qualidades, nos tempos do extravasamento; e quando as águas baixam, aí eles ficam encerrados como em tanques ou reservatórios naturais, e onde se pescam com maior facilidade (LA CONDAMINE, 2000, p. 105)

Para o autor, a abundância da fauna incentivava o “sinônimo de preguiça”, já que para a população indígena a sua sobrevivência residia na coleta, caça e pesca ligada aos períodos sazonais, ou seja, em períodos de cheia e seca. Dessa forma, o acúmulo de propriedades e riquezas não faziam parte de sua prática cultural, sendo assim, o meio ambiente favorecia-os meios de sobrevivência dos quais eram distintos das do “Velho Mundo”.

Nesse sentido, a concepção que La Condamine tinha sobre a população se ligava a uma visão negativa de que a natureza favorecia a “preguiça” dessa população. E isso se ligava, de certa forma, numa imagem de que os autóctones possuíam a “incapacidade de refletir sobre o futuro”, já que a própria natureza impossibilita tal reflexão. Ou seja, para La Condamine o ambiente favorecia alimentos para sua sobrevivência, estimulando a “preguiça”

dos indígenas, pois, tinham por pertos alimentos sempre que precisassem sem muito “esforço”.

Ainda sobre a fauna, os nomes dados para alguns desses animais eram, muitas vezes, semelhantes aos do “Velho Mundo”, tal ocorrência se nota quando o autor registra alguns animais como a onça ao ser comparada com o leão, a anta ao alce, e etc. suas denominações se comparavam, também, com os da África. E assim, La Condamine descreveu:

Ainda não falei dos peixes singulares, que se descobrem no Amazonas, nem das diferentes espécies de animais raros que se vêem nas suas margens. Este título sozinho forneceria assunto para a obra, e tal estudo pediria uma viagem especial, e um viajante que não tivesse outra ocupação. Não falarei senão dos mais notáveis (LA CONDAMINE, 2000, p. 103).

De fato, sua descrição foi longa e concisa sobre a fauna, ressaltando alguns animais como as tartarugas e o peixe-boi, em que explanavam suas descrições precisas sobre esses animais aos estudos da História Natural, principalmente, sobre as diferentes e raras espécies de animais da região. Seus registros sobre os animais da Amazônia, sem dúvida, despertaram o interesse da comunidade científica (TAVARES, 2011), sendo assim, o autor teve êxito em sua visão naturalista ao registrar aquilo que era de interesse das ciências naturais.

Dos animais descritos por La Condamine estavam o peixe-boi, o mixano, a lampréia (ao tocá-lo com a mão, ou mesmo com um pau pode sentir um doloroso choque no braço) entre outros. Assim, La Condamine descreveu sobre eles:

Em São Paulo de Omáguas desenhei, do natural, o maior dos peixes d’água doce conhecidos, a que os espanhóis e portugueses deram o nome de “vacamarinha”, ou de “peixe-boi. Não se há de confundir com a foca (em francês *veau marin*). Este de que se trata pasta a erva das margens do rio: sua carne e gordura têm bastante semelhança com a de vitela. [...] outro peixe chamado mixano, tão pequeno este quanto é o outro grande, não chegando alguns a ter o tamanho de um dedo. Eles vêm todos os anos em bando quando as águas começar a baixar, pelos fins de junho. Vi nas cercanias do Pará uma espécie de lampréia, cujo corpo, como de ordinário, é furado por um grande número de aberturas, mas que tem demais a propriedade do torpedo: aquele que toca com a mão, ou mesmo com um pau, sente um choque no braço (LA CONDAMINE, 2000, p. 104- 105).

A fauna Amazônica sem dúvida despertava o fascínio dos viajantes e dos colonizadores, os registros das tartarugas e dos peixes-boi sem dúvida demonstrando fascínio. Os registros de La Condamine, eram permeados pela descrição da natureza. Desde os primeiros contatos com essas terras o deslumbre do “mundo mítico” medieval e da “imagem

do Éden” da religião foram sendo incorporadas nelas, emergindo, como hoje conhecemos, a Amazônia de lendas, mitos e de um “paraíso verde”.

Mais do que isso, com as expedições científicas, sob a luz do iluminismo e o emergir da era moderna, permitiu acrescentar mais um elemento a região. Essa de um local atrasado, ou de uma região em processo de desenvolvimento. Tal concepção se encontra nas narrativas de La Condamine. O autor também, descreve as tartarugas do Amazonas encontradas em diversos tamanhos, os jabutis, os jacarés, conhecido naquela época como crocodilos:

As tartarugas do Amazonas são procuradíssimas em Caiena. Há de tamanhos diferentes e de diversas espécies e em grande abundancia que elas só e mais ovos poderiam abastecer os moradores daquela região. Há terrestres que se chamam jabutis na língua do Brasil, [...] se conservam [...] fora d'água vários meses, sem alimentar-se aparentemente. Os crocodilos são comuníssimos em todo o curso do Amazonas, e até na maior parte dos rios que vêm ter a ele. Alguns chegam a ter algumas vezes 20 pés (6,5m) de comprimentos; e talvez os há maiores. O alce, que se topa nalguns cantões emboscados da cordilheira, em Quito, não é raro nas selvas do Amazonas, ou da Guiana. Chamo assim ao animal que os espanhóis e portugueses conhecem pelo nome de “anta”; na língua do Peru chama-se uagra; tapira na do Brasil (LA CONDAMINE, 2000, p. 106).

É assim, que La Condamine ao descrever a natureza Amazônica, o descreve constituída por uma fauna e uma flora abundante de diversas espécies e gêneros de animais e plantas, além das terras fertilíssimas, (férteis ou propícias) que contribuem para essa riqueza. Essa imagem apresentada mostra o contato com a natureza desta região que instigava os colonizadores a um “encantamento” com o esplendor da natureza. Mais do que isso está citação apresenta as nomenclaturas de animais do “Velho Mundo” sendo incorporadas às novas terras.

Gondim (2007), em sua análise acerca da invenção da Amazônia, mostra o contato dos primeiros viajantes com as terras da América, ligada a uma bagagem imaginal (como já explicada no primeiro capítulo) com as diretrizes do maravilhamento acerca da natureza—o mesmo se atribuía a população nativa. Os contatos, muitas vezes, desses estrangeiros deixaram registros de fantasia e utopia ligada ao mítico (GONDIM, 2007), que se entrelaçavam com a natureza da Amazônia.

Gerando, assim, um fascínio nos estrangeiros dos quais permeava a busca pela exploração de suas faunas e floras. E não só isso, os relatos desses viajantes fizeram com que o vale do rio Amazonas se transformasse em palco da observação e fundação das ciências da

natureza e da etnologia, mas sobretudo das ciências da natureza como a botânica, zoologia, hidrografia, geografia física, etc. (PINTO & SILVA, 2016).

Não é à toa, que um dos aspectos que deram relevância a essa natureza sobre os habitantes do rio Amazonas se agregavam a uma racionalidade naturalista em que visavam buscar de forma científica um conhecimento amplo da natureza, ao realizarem uma descrição geral ou uma cosmografia global.

2.3 O HOMEM

Em relação aos povos La Condamine os descreve, muitas vezes, como sujeitos sem cultura, sem educação, sem conhecimento, que por estar longe do convívio social e de suas práticas—principalmente o meio social europeu—estavam sujeitos a viverem na “ignorância”, que expostos à natureza sem dominá-la se equiparava aos animais.

Mas os índios das missões e os selvagens que gozam de liberdade são tão limitados por não dizer tão estúpidos quanto os outros, e não se pode ver sem humilhação o quanto o homem abandonado à natureza, privado de educação e sociedade, pouco difere das bestas” (LA CONDAMINE, 2000, p. 60).

Para La Condamine, os autóctones livres do controle dos colonizadores e mesmo daqueles que habitavam as missões longe da sociedade “moderna” que se constituía, na época, privava o despertar da “consciência” de si próprio, do mundo e das coisas ao seu redor. Comparado a Europa à Amazônia, para o autor, ainda estava em processo de desenvolvimento. Dessa forma, a falta de alteridade, sem respeito ao “outro”, prevalecia em seus registros.

Assim, La Condamine percebe os índios como uma figura, contendo uma certa semelhança de caráter, o que acaba retirando a possibilidade de existirem diferenças entre os povos, ou seja, para o autor os indígenas da região Amazônica possuíam a mesma característica física. Assim, ao registrar os aspectos físicos e o sociocultural, La Condamine dá a entender que existia uma certa singularidade entre os autóctones, colocando-os a um mesmo patamar:

[...] todos os índios da América, das diversas regiões que tive ocasião de percorrer, pareceram-me ter certos traços de semelhança uns com os outros; e, tanto quanto é permitido a um viajante que não registra as coisas senão de passagem, suponho reconhecer em todos eles um mesmo fundo de caráter (LA CONDAMINE, 2000, p.60).

A visão reducionista acerca da população por La Condamine incentivou, em certa medida, a existência de que os autóctones não eram distintos fisicamente, bem como pressupondo que não haviam, também, diferenças étnicas. Ou seja, o autor dá a entender que não haviam diferenças entre os grupos indígenas. Sendo assim, essa perspectiva inviabilizava identificar que na região existiam um mosaico étnico, ou seja, a Amazônia possuía diferentes grupos indígenas cada um com suas características particulares.

La Condamine ainda os percebe como sujeitos preguiçosos e “comilões, sendo compostos por uma pele “morena” cujo semelhança lembra o tom trigueiro. A imagem apresentada como preguiçosos os denota a uma figura negativa, tal como foi analisada no tópico anterior, que persiste na atualidade sobre a região e da região. Assim, La Condamine descreveu os habitantes:

São homens trigueiros de cor avermelhada, mais ou menos clara (...).Glutões até a voracidade, quando têm que se saciar-se; sombrios quando a necessidade os obriga se privarem de tudo sem parecerem nada desejar, (...) inimigos do trabalho; indiferente a toda ambição de glória, honra e reconhecimento; sem preocupação do futuro; incapaz de previdência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados (LA CONDAMINE, 2000, p.59-60).

A partir das narrativas de La Condamine identificamos a imagem do indígena permeada pela negatividade, apatia, indiferença aos valores de reconhecimento de vida sem terem a capacidade de pensarem no seu presente ou futuro, pois não tinham afeição pela “honra e glória”, tal como eram buscados pelos europeus no “Velho Mundo”; a tristeza, a indolência e a preguiça. Outra característica seria de ser “selvagem” que necessitava civilizar-se. Um exemplo emblemático é a maneira como o naturalista descreve a forma como os indígenas se alimentam, pois, o fazem com uma afeição, os assemelhando a “comilões”.

Ao serem considerados incapazes de pensar ou refletir, referem-se a forma “tranquila” de conduzir a vida dos indígenas, pois, seus modos de vida consistiam, muitas vezes, em retirar da natureza seu sustento; sem se importar em realizar “grandes feitos” como ocorridos no “Velho Mundo” ou produzir além do necessário.

São vistos também por La Condamine como puros por não sentirem ou terem maldade, ingênuos por não serem “contaminados” pelas maldades do mundo ou pela maldade de qualquer outro ser humano possa ter, atrasados por não possuírem uma “cultura

desenvolvida estando em processo de desenvolvimento” e por não terem o uso de tecnologias modernas como a máquina a Vapor, o uso do ferro e outros.

São ainda vistos pelo autor como inaptos ao trabalho por serem considerados “preguiçosos” já que a natureza proporcionava aos indígenas alimentos sem terem “muito esforços” para conseguirem. E por estarem em constantes brincadeiras consideradas “*pueris*” precisam de “orientação”, ou seja, como eternas “crianças” que necessitavam de tutela.

Portanto, o autor La Condamine, ao registrar os povos indígenas, os descreve como sendo homens “selvagens” ou “bárbaros”. Os percebe sem a capacidade de “aceitar” o outro pela sua diferença cultural e social em vista que a forma como o próprio autor os analisa partir de uma visão reducionista que tem como referência os valores culturais de sua própria sociedade, dessa forma, colocando de lado a cultura dos diferentes grupos que existiam na região naquele momento.

Ainda, em seus relatos sobre a região identificamos os tipos humanos como o índio, o negro e o branco europeu. Porém, nos voltamos para a população autóctone. Entre as populações indígenas relatadas em sua narrativa estão os Omáguas, Chuchungas, os Jameus, os Xibaros, os Manaos e entre outros.

Porém, os Omáguas “ganham” um destaque particular, por descrever suas vestimentas (uso do algodão para fazerem botas para as mulheres usarem), suas cerimônias, o costume de amarrarem as cabeças das crianças para formar uma figura achatada (já que omágua significa cabeça chata). Assim, La Condamine descreveu esse costume:

O nome “omaguas”, na língua do Peru, assim como “cambevas”, que lhes dão os portugueses do Pará na língua do Brasil, significa “cabeça – chata”; realmente esses povos têm o costume extravagante de apertar entre duas tabuas a fonte das crianças que acabam de nascer, para lhes dar aquela estranha figura, e para fazê-las mais parecidas, dizem eles, com a lua cheia. (LA CONDAMINE, 2000, p. 70)

O “estranho” modo de achatarem suas cabeças é algo visto, pelo autor, como uma “anomalia” e não como uma distinção social, uma forma de se detingirem dos demais povos indígenas. Esse diferença tanto física quanto cultural, que se percebe nessa narrativa demonstra uma certa distinção entre os grupos étnicos naquele momento, mas que passou “despercebida” pelo olhar naturalista de La Condamine.

Os omaguas também eram profundos conhecedores de plantas, tais como Floripôndio e Curupa, ambas com caráter purgativo. Além do caráter purgativo quando aspiradas no pó,

no caso da Curupa, o indivíduo, que inalava tal substância, ficava em estado de embriaguez, este tipo de entopercute geralmente eram utilizados pelos líderes da etnia para alcançarem visões, geralmente do passado ou de eventos que aconteceram no futuro próximo. Assim, o autor descreveu:

Os omáguas fazem grande uso de duas espécies de plantas; uma delas os espanhóis chamam “floripôndio”, tem a flor em forma de sino invertido, e foi descrita pelo P. Feuillée; da outra, que na língua omágua se chama “curupa”, trouxe a semente; ambas são purgativas. Esses povos se dão por esse meio uma embriaguez que dura vinte e quatro horas, durante a qual têm visões muitas estranhas; tomam também a curupa reduzida a pó, como nós tomamos o rapê, mas com maior aparato. Servem-se de um tubo de caniço terminado em forquilha, com a configuração de um “Y”, inserem cada ramo em uma narina (LA CONDAMINE, 2000, p. 70-71).

A forma, como o autor descreve as habilidades dos omáguas sobre as plantas acerca dos recursos que o meio ambiente lhes fornecia apresenta, de certa forma, o quanto eram habilidosos essa população, entretanto, essa prática se perde em sua visão etnocêntrica. Esse é mais um dos exemplos da presença de costumes e conhecimentos que os grupos indígenas da época possuíam.

Dos povos registrados por La Condamine foi somente entre os remanescentes dos indígenas da época, nação antes poderosa, dos Omáguas que ele achou o uso de vestimentas, uma cerimônia de batismo e uma transfiguração dos costumes dessa etnia. Assim, La Condamine descreveu os Omáguas:

Na manhã do dia 27, abordamos a missão de São Joaquim, composta de várias nações índias, e sobretudo da dos Omáguas, gente outrora poderosa, que povoava ainda há um século as ilhas e margens do Amazonas, em uma extensão de cerca de 200 léguas abaixo do Napo.

Uma nação que traz o mesmo nome de Omáguas, e que habita próximo da fonte de um desses rios, o uso de vestimentas que se achou somente entre os omáguas que vivem nas margens do Amazonas, alguns vestígios da cerimônia do batismo, e certas tradições desfiguradas, confirmam a conjectura de sua transmigração (LA CONDAMINE, 2000, p. 69-70).

La Condamine identificou entre os omáguas algumas cerimônias, o que indicava, de certa forma, a potência dela em tempos passados. E paralelamente vestígios da incorporação dos modos europeus acerca da religião presente na Amazônia pelos indígenas. A “conjectura da Transmigração”, pela fala do autor, é a presença, de certa forma, do “encontro” desses dois modos de costumes, a dos europeus com o dos autóctones.

Pois, uma vez que, devido as constantes deslocações que tanto os Omáguas quanto demais etnias faziam por causa das capturas de mão-de-obra escrava indígena e pelo processo de catequização, eram obrigados a deixarem suas práticas culturais e a mudarem-se constantemente. O que levava a perda da cultura local e na ascensão do sistema “civilizatório” europeu, entretanto, os omáguas, ainda, traziam esse resquício de seus costumes. Ou seja, La Condamine observou os costumes entre os omáguas, que de acordo com a região utilizava, ou não, a cabeça achatada.

Portanto, nas narrativas de La Condamine as construções das categorias natureza e homem, para o olhar naturalista, a população se caracteriza como sendo “incapaz de pensar e refletir” sobre a vida, que se encontrava na “barbárie”. Necessitando, então, sair desse “estado”. E a natureza entendida como privilégio natural”, uma mediadora de “fonte” para conquista econômica, territorial e de conhecimento científico.

La Condamine acreditava, mesmo tendo o perigo de se equivocar ao descrever sobre os indígenas, ter percebido alguns traços essenciais de caráter desses grupos humanos, afirmando ser “ a insensibilidade a base comum desse caráter podendo chamá-la de apatia ou honrá-la com o nome de estupidez” (PINTO, 2008, p.144). Enquanto a natureza se caracterizava pela capacidade de ser explorada tanto em aspectos científicos, quanto em econômicos.

A região embora possuísse riquezas naturais e os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas, para o europeu ainda estava em processo de evolução prevalecendo uma imagem de um local “atrasado” e de uma população “ sem cultura”.

2.4 LAMPEJOS DE ALTERIDADE: OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA EXPEDIÇÃO DE LA CONDAMINE

Embora os argumentos de La Condamine em larga medida silenciava os autóctones e menosprezava seus conhecimentos, é possível, a partir de suas próprias narrativas, identificar traços importantíssimos sobre os conhecimentos desses povos. Dos quais sem eles, não seria possível realizar sua empreitada na região.

Tais conhecimentos como o manejo da borracha, a navegação pelos rios e seus afluentes, os instrumentos da caça e da pesca; o conhecimento de plantas medicinais, das

construções de jangadas, ou canoas, com folhagens para abrigos. Vários conhecimentos foram utilizados por La Condamine em todo o seu trajeto ao longo da sua expedição pela Amazônia.

No dia 4 de julho, depois do meio-dia, embarquei em uma pequena canoa de dois remadores, precedido da balsa, escoltados por todos os índios do aldeamento. [...]. De noite o rio cresceu dez pés, e foi necessário transporta as pressas a folhagem que me servia de abrigo, que os índios constroem com habilidades e presteza admiráveis (LA CONDAMINE,2000, p. 53).

O tipo de transporte que La Condamine utilizava em sua expedição foram as jangadas³, ou canoas. Tal meio de transporte na fala do autor, representava o conhecimento que os nativos possuíam em transformar os troncos das árvores em transportes fluviais. Outro também La Condamine descreve eram os abrigos feitos com folhagens. Mais do que isso, o próprio condutor eram os indígenas, navegando pelos rios e seus afluentes. Sendo assim, podemos perceber a participação que os indígenas tiveram nas expedições tanto realizadas por La Condamine quanto por outros viajantes.

Em diversas passagem o autor destaca o conhecimento indígena para encontrar plantas como a quina, como já mencionado, e o manejo da borracha. Foram com os Omáguas que os portugueses aprenderam a manejar os diferentes usos da seringa:

Os portugueses do Pará aprenderam com os Omáguas a fazer com essa substância umas bombas ou seringas que não necessitam de pistão: têm a forma de pêras ocas, com um pequeno buraco em uma das extremidades a que se adapta uma cânula. Enchem-se d'água, e, apertando-se quando estão cheias, fazem o efeito de uma seringa ordinária. Tal utensílio é de grande emprego entre os omáguas. Quando eles se reúnem para alguma festa sua, o dono da casa não deixa de apresentar uma por polidez a cada convidado, e seu uso precede sempre entre eles as refeições de cerimônia (LA CONDAMINE,2000, p. 72).

O manejo da borracha pelos Omáguas representou as habilidades com as plantas e uma tradição repassada pelos seus antepassados pela cultura oral. A prática desse manejo, sem dúvida, mostra o resquício de uma cultura pujante que não se encontrava em registros documentados, mas no ensinamento ou aprendizagem a partir da oralidade de geração em geração.

Essa presença de transmissão cultural pela oralidade se manifestou, sobretudo, nos remanescentes da população indígena. A população, dita, como “caboclos” (como hoje é conhecida) apresentavam características que transitavam entre o conhecimento do homem

³ Jangada é um tipo de embarcação utilizadas pelos indígenas, na Região Nordeste do Brasil, geralmente como meio de transportes. Pode ser também usada em transporte de cargas pesadas, geralmente a pequenas distâncias (Barroso, s/d.)

sobre a sua tradição e sobre a modernidade, principalmente, daqueles que vivem na zona rural – os ribeirinhos. Sua Prática cultural, na atualidade, transita dessa forma em linhas tradicionais e contemporâneos (OLIVEIRA, 2007).

Além, da quina e da borracha, os indígenas eram conhecedores das plantas trepadeiras tais como as lianas ou cipós. Seus usos se sobressaíram, principalmente, na construção de jangadas, podendo serem utilizadas também como pontes de cordas. Assim, La Condamine escreveu sobre as lianas:

Encontrei no meu caminho vários rios que era preciso atravessar em pontes de corda, de cascas de árvores, ou dessas espécies de cipó que se chamam lianas, nas nossas ilhas da América. Tais lianas entrelaçadas em rede formam de uma à outra margem uma galeria no ar, suspensa por dois grossos cabos do mesmo material, e presas as extremidades de cada lado do ramo de árvores (LA CONDAMINE, 2000, p. 49).

Sem dúvida, o conhecimento sobre o meio ambiente contribuiu para as expedições na região. As narrativas de La Condamine registraram com maior profundidade a natureza e a propagação ao registrar seu espaço geográfico voltou-se, em grande medida, apenas para uma parte da região. Entretanto, mesmo que de forma superficial e etnocêntrica os conhecimentos que as populações indígenas possuíam naquela época, se mostraram de grande valor para mostrar a pujança da cultura indígena. Exemplos disso é visível na fala do autor sobre o manuseio de plantas como as lianas em que se sobressaem a engenhosidade que os povos indígenas tinham.

Portanto, nas narrativas de La Condamine podemos observar os lampejos de alteridade que evidenciam uma tradição da população autóctones que tiveram diretamente e/ou indiretamente na expedição, destacando, principalmente, seus conhecimentos acerca do ambiente que os cercava. Isto é, sobre a natureza: como navegar pelos rios, construir abrigos ou moradias, e retirar alimentos para sua sobrevivência.

De acordo com a análise de Tocantins (1982) acerca dos aspectos culturais da população amazônica, os povos indígenas tiveram e têm um papel importante no que refletem meio social, nos hábitos, na culinária, nas técnicas especiais utilizadas em pescas, caças coletas e produtos florestais; na agricultura e na utilização dos recursos naturais, na navegação, em construções entre outros que são predominantes na vida regional até os dias de hoje. Podemos identificar também as diversas atividades elaboradas pelos autóctones nos trabalhos desenvolvidas alegando a existência de uma contradição de sujeitos visto como “inaptos ou preguiçosos ao trabalho”.

Outro ponto que podemos destacar, que ainda demonstra essa contradição, são os conhecimentos adquiridos quer seja pelos viajantes, de modo em geral, quer seja pelos colonizadores. Um exemplo emblemático foram os meios de extração e do manejo da borracha pelos portugueses.

Dentro desta mesma fala do autor é perceptível, em pouca profundidade, o dinamismo das cerimônias dos Omáguas evidenciando em pequenas parcelas, pois o viajante não descreve de forma aprofundada sobre essas cerimônias, as tradições de socialização dessa etnia. E para, além disso, mostra o uso de suas vestimentas produzidas do algodão e do uso de plantas medicinais.

Uma nação que traz o mesmo nome de omágua, e que habita próximo da fonte de um desses rios, o uso de vestimentas que se achou somente entre os omáguas que vivem nas margens do Amazonas, alguns vestígios da cerimônia do batismo, e certas tradições desfiguradas (...) (LA CONDAMINE, 2000, p. 59).

Identificamos na fala do autor, as imagens da população de uma cultura pujante que foram fortemente silenciadas pelo naturalista viajante, que apesar de registrá-las é deixada a margem sem muita importância. Entretanto, sabemos o porquê desse silenciamento já que o contexto que La Condamine se encontra reside nas ideias de uma racionalidade científica baseadas nos princípios de uma cultura que se denominava superior às demais sociedades.

Além, dos Omáguas outros grupos indígenas possuíam grandes conhecimentos da natureza como os Lagunas que construíam balsas para transportes fluviais, os Jameus especialistas em armas de caça e pescar, em recolher os produtos florestais da natureza e com conhecimentos em plantas medicinais.

Todos esses elementos analisados exemplificam o domínio dos conhecimentos que os autóctones, possuíam e possuem sobre a natureza que os rodeavam, mas que foram silenciados nos relatos do viajante naturalista Charles Marie de La Condamine, mesmo ele estando acompanhado em todo o percurso da viagem pelos indígenas e pelo seus “serviços prestados” como identificados nos parágrafos acima.

O que podemos identificar em nossas análises são duas dimensões em suas narrativas a primeira de uma região cuja sua população e seus conhecimentos são posto em detrimento da natureza e apresentada como uma região “sem cultura ou atrasada”. Em segundo, as ações indígenas, contribuições e participação da população, durante o percurso da viagem,

demonstrando o conhecimento que os povos possuíam sobre a natureza na região, mesmo colocadas em silêncios. Pinto destaca que:

Apesar de reconhecer a existência de um vasto conhecimento indígena sobre o meio natural e de técnicas apropriadas para a exploração, La Condamine expressa a mesma atitude etnocêntrica em relação aos povos indígenas, sem, contudo, deixar de realizar uma contribuição fundamental no plano da etnografia desses povos que conheceu direta ou indiretamente no século XVIII. (PINTO, 2008,p,143-144)

Pinto destaca pontos fundamentais nas narrativas de La Condamine, que oscilam entre a informação histórica por relatarem frações de um contexto em que estavam presentes certas etnias dos quais hoje não existe. Devidos às várias mortes ligadas entre os conflitos e as doenças na região e pelo olhar naturalista do século XVIII acerca da região que traz uma concepção reducionista.

Portanto, se num primeiro momento é claramente perceptível o silenciamento dos elementos culturais e conhecimentos dos autóctones nas narrativas de La Condamine, pois os analisava a partir do imaginário europeu, em outras identificamos, mesmo que em menor profundidade, características da pujante cultura indígena que contradiz a visão reducionista fabricado nos discursos dos viajantes, dos missionários, dos cronistas, entre outros.

Na medida em que avançamos nas análises das narrativas de La Condamine podemos compreender a singularidade dos Omáguas, as técnicas de remédios medicinais, a manipulação da seringa, bem como aspectos de seus rituais. Logo, os autóctones eram portadores de uma cultura, com uma lógica contrária à europeia, e por isso não foi entendida naquele momento como uma sociedade portadora de cultura. Na atualidade, ainda encontramos resquícios dessa cultura na realidade amazônica.

Não só eram portadores de cultura, de acordo com Antonio Porro (1995), existiam um câmbio ou troca comercial entre os povos indígenas que habitavam as várzeas e as terras firmes. Cada grupo possuía seus territórios em que o ambiente natural fornecia lhes alimentos para além das necessidades imediatas. Porro (1995) nos mostra, também, que a natureza geográfica da Amazônia não era homogênea, sendo, portanto, composta de dois ambientes naturais a várzea e a terra firme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do decurso de nossa análise, percebemos como se configurou o pensamento social na região da Amazônia dentro de um conjunto de ideias que “privilegiavam” a cultura dos colonizadores, viajantes e etc., em detrimento da cultura dos povos indígenas. O ensejo de incorporar a região dentro de uma dimensão “moderna” gerou, desde os primeiros estabelecimentos dos colonizadores, uma série de conflitos que ocasionou o extermínio de diversos grupos étnicos.

Ao tomarmos como análises as narrativas de viagens de Charles Marie de La Condamine acerca da natureza e da população, identificamos uma figura impactante, conflitante e esmagadora de um “processo civilizatório” imbuído num discurso de desenvolvimento que mais reprimia do que “libertava” de seu “estado de barbárie”. Se é que a população se encontrava mesmo nesse “estado”. A realização de uma cosmografia na Amazônia acarretou no surgimento de imagens negativas das quais se transformaram em condicionantes tidos como “verdade” sobre a região, exemplo disso é o termo “caboclo” que foi historicamente construído para denominar aqueles que não eram europeus. Mais propriamente ligada a expressão “aquele que vem do mato”.

Esses condicionantes ou representações acerca da população nos registros de La Condamine ganharam espaços à medida que as tradições, costumes e crenças perdiam visibilidade. A busca do conhecimento pelo naturalista La Condamine é entendida como esboço sistematizador, em que a cultura indígena, por não ter “domínio” dessa natureza, é vista pelo autor como costumes “estranhos”. Entretanto, a forma como La Condamine percebe os costumes, tradições, conhecimentos culturais e entre outros não corresponde de fato como os próprios autóctones se veem.

Logo, percebemos que a população autóctone possuía conhecimentos sobre o meio ambiente dos quais eram distintos dos europeus. Concebe-se, portanto, que o olhar de La Condamine se fundamenta no etnocentrismo e no eurocentrismo, deixando assim de conceber os indígenas em seus aspectos positivos, já que são poucas as descrições relacionadas à alteridade nas narrativas do francês La Condamine.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Silvia de Lima. **Considerações sobre o conceito de civilização em Norbert Elias**, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/articledownload/17872/9961/o&ved=2ahUKEwiOqIuv2JvAhXKEbKKGHUMpAmMQFJAAeQIBBAB&usg=AOvVaw16KDLynrEv0-10dgPwcuU>. Acessado o no dia 19 de outubro 2019.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Viajantes do Século XIX: uma reflexão sobre as estéticas do pitoresco e do sublime na construção de representação para o Brasil**, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/DE%20ARAÚJO,%20Patricia%20Vargas%20Lopes%20-%20IIIEHA.pdf>. Acesso em: 20 de março, 2017.

BARROSO, Oswaldo. **A Jangada e Outros Instrumentos**. Disponível em: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimnio/MeiosDeTransporte/Jangada/A%2520Jangada%2520e%2520outros%2520instrumentos.pdf&ved=2ahUKEwix84bYxpvmAhUhCrKGHS-oA-gQFJABegQIBBAB&usg=AOvVaw2BJJnyTZ13ooNqhHKZRK7i>. Acessado em 12 de novembro 2019.

CARNEIRO, Henrique Soares. **O Imaginário das Viagens Moderna: ciência, literatura e turismo**, 2001.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz; NORONHA, Nelson Matos de. (Orgs). **A Amazônia dos viajantes: história e ciências**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

CHARTIER, Roger. **O mundo como Representação**. Estudos Avançados, 1991.

CUNHA. Pula Cristiane R. da Rocha de Moraes. **Apontamentos teóricos sobre a literatura de viagem**, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5215981.pdf>. Acesso em: 15 de junho 2016.

FERNANDES, Valdenéia da Silva. **“A Confusão dos Tipos: O olhar naturalista sobre as populações do Rio Solimões no século XIX**, 2016.

FERRED, Grilles. **Vocabulaire de La-Sociologie**. Paris, PUF, 1995.

FREITAS, Marilene C. da Silva. Scherer, Elenise. Oliveira, José A. de. (Orgs). **Amazônia território, povos tradicionais e ambiente**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem pelo Amazonas 1735-1745**. Rio Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.

MOLAR, Jonathan de Oliveira. **Alteridade**: uma noção em construção. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf> . Acessado em 12 de novembro de 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge “Zahar Ed, 2001.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.

OLIVEIRA, José Aldenir de. **Cidades, Rios e Floresta**: raízes fincadas na cultura e na natureza IN: BRAGA, Sérgio Ivan Gil. (org). Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. Editora EDUA, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PINTO, Renan Freitas. **Viagens das Ideias**. 2, ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

PINTO, Ernest Renan M. de Freitas., SILVA, Francisco E. Gomes da. **Neide Gondim**: a invenção da Amazônia (Série: Memórias da Amazônia), 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/relem/article/viem/1008/2082&ved=2ahUKEwiJmIKaIPvmAhX4GrKGGHBiGADOQFJAAegQIBBAB&usg=AOvVaw04vJfrdMLijYAgwOPR3>
Acessado em 01 outubro de 2019.

PORRO, Antonio. **O Povo das Águas**: Ensaios de Etno-História Amazônica. RJ: Vozes, 1995.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Imagens Amazônicas**, 2012.

SAFIER, Neil. **Como era ardiloso o meu francês**: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes. Revista Brasileira de História. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v29n57/a04v2957.pdf>. Acesso em: 22 abril. 2016.

SEIXAS, Jacy A., BESCIANI Maria Stella, BREPOHL, Marion Razão (orgs). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SCHEMES, Elisa Freitas. **A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa**, 2013. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf. Acessado 20 de julho de 2016.

SOUZA AGUIAR, José Vicente de. **As Narrativas e a Produção dos Povos Indígenas**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_174.pdf. Acessado 05 de Janeiro de 2017.

TAVARES, Hugo Moura. **Palimpsesto Amazônico**: escritos de viagens sobre a Amazônia entre 1730 e 1817, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/130047899_ARQUIVO_ComunicacaoANPUH2.pdf&ved=ZaHUKewjG34iu0pvmAHX2LLKGHcDTBBoQFJAAegQIBRAB&usg=AOvVawI-NZ6c_mRVvVFUOCQ-a_9h

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia**: natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica. 2, ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**: A questão do outro. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.